

## O DISCURSO DA ODEBRECHT CONSTRUÍDO VIA ENTREVISTA PUBLICADA EM SUA REVISTA EMPRESARIAL

Marta Cardoso de Andrade<sup>i</sup>  
Hélder Uzêda Castro<sup>ii</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho foi estudar o discurso da Odebrecht a partir da construção do *ethos* (via léxico) e da situação enunciativa em uma entrevista de uma revista empresarial. Para tanto, foi utilizado como aporte teórico pressupostos da Retórica, da Análise do Discurso de linha francesa e da Comunicação Empresarial. Para se empreender este estudo, foram realizadas três análises: a dos dados linguísticos, a dos argumentos usados e a das estratégias de comunicação utilizadas neste texto.

**Palavras-chave:** *Ethos*. Análise do Discurso. Comunicação Empresarial. Entrevista.

**Abstract:** The aim of this paper was to study the discourse of the company Odebrecht based on the construction of the *ethos* (through lexicon) and of the enunciative situation in an interview published in a business magazine. In order to do so, principles of Rhetoric, Discourse Analysis and Corporate Communication were drawn upon. Thus, three kinds of analysis were carried out: one concerning the linguistic data, another regarding the arguments used and, finally, one considering the communication strategies instantiated in the text.

**Keywords:** *Ethos*. Discourse Analysis. Business Communication. Interview.

---

<sup>i</sup> Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente da Universidade Salvador (UNIFACS), Faculdade Ruy Barbosa e Faculdade Área1. E-mail: marta.andrade@unifacs.br.

<sup>ii</sup> Mestre em Administração pela Universidade Salvador (UNIFACS). E-mail: helderuzeda@gmail.com.

## Considerações Iniciais

O homem contemporâneo vive no que se pode denominar sociedade de comunicação, na qual os seus membros são obrigados, no dia a dia, a exprimir e defender, da melhor maneira possível, seus pontos de vista, a debater, a agradar, a seduzir e a convencer. Dentro deste contexto, foi resgatado um campo do conhecimento humano, o qual foi legado pelos gregos, na Antiguidade Clássica, e que poderia responder convenientemente a essas necessidades da modernidade: a Retórica. Aristóteles a define como uma área que se ocupa “[...] da arte da comunicação, do discurso feito em público com fins persuasivos” (ARISTÓTELES [V a.C.] (1998), p. 22), sendo entendida também como a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso específico cuja finalidade seja persuadir.

Segundo Meyer, Carrilho e Timmermans (2002, p. 50), a maior inovação impressa por Aristóteles está na “[...] sistematicidade através da qual ele integra três elementos fundamentais do discurso [...]”: o *ethos* – quem fala –, o *lógos* – argumento apresentado – e o *páthos* – a quem se dirige. Cada um desses desempenha um papel fundamental, que se complementa com o dos outros numa articulação complexa. Aristóteles afirmou que a persuasão fornecida pelo discurso pode ser de três espécies: a que reside no caráter moral do orador, ou seja, no *ethos*; a advinda do modo como se dispõe o ouvinte, focalizada no *páthos*; e, por fim, a centrada no próprio discurso devido àquilo que este demonstra ou parece demonstrar, ou seja, no *lógos*.

Deter-se-á a atenção, neste estudo, apenas ao primeiro desses casos. Para se conseguir persuadir pelo caráter, o discurso deve ser montado/proferido de tal forma a passar a impressão de que o orador é digno de fazê-lo. Aristóteles acreditava que o ser humano está sempre mais propenso a acreditar com maior firmeza/convicção e de maneira mais rápida em pessoas tidas como de bem e honestas – usando-se os valores de hoje em dia, essas seriam classificadas como competentes naquilo que elas fazem – ou seja, um dos segredos da persuasão está no orador passar uma imagem favorável de si mesmo, imagem essa que deve seduzir o auditório e captar a benevolência e a simpatia deste. Esta representação do orador é o próprio *ethos*, equivalendo ao caráter que o orador atribui a si mesmo pelo modo como exerce sua atividade retórica. Não se trata de este fazer afirmações auto-elogiosas sobre a sua própria pessoa no conteúdo do seu discurso, declarações essas que podem, ao contrário, causar uma impressão

desagradável no auditório; mas da aparência que lhe confere a fluência, a entonação calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos (o fato de escolher ou de negligenciar um argumento em específico pode parecer sintomático de uma qualidade ou de um defeito). O *ethos* funcionaria como um elemento que reforçaria a plausibilidade da argumentação exposta, o que não se deve tanto aos aspectos morais do orador, mas sim àquilo que é resultado do próprio discurso. O que é vital, neste tocante, é que a confiança imputada ao orador seja um “efeito” do discurso deste.

Referindo-se, agora, à argumentação, essa termina por igualmente auxiliar na construção do *ethos*. Para Philippe Breton (1999, p. 26), “[...] argumentar é raciocinar, propor uma opinião aos outros dando-lhes boas razões para aderir a ela”. Com isso, o orador pode utilizar mais esse componente para auxiliá-lo no seu intento persuasivo e na construção discursiva/textual, bem como alguns conceitos da Análise do Discurso devem ser analisados para que melhor se abarque um discurso/texto.

Sabe-se que todo discurso tem condições de produção específicas e estas são denominadas de enunciações e determinam a elocução de um discurso e não de outros, uma vez que se referem a “[...] determinadas circunstâncias, a saber, o contexto histórico-ideológico e as representações que o sujeito, a partir da posição que ocupa ao enunciar, faz de seu interlocutor, de si mesmo, do próprio discurso etc.” (MUSSALIM; BENTES, 2001, p. 116).

Assim, num discurso, deve-se identificar o “enunciador”. Na visão de Ducrot (1987, p. 193), seria um ser de pura enunciação, que determina o ponto de vista a partir do qual os acontecimentos são apresentados, denominado de “sujeito da enunciação”. Ressalta-se que caso o enunciador seja aqui, um efeito do enunciado, tem-se de admitir a existência de enunciados sem enunciadores, uma vez que estes podem ou não se manifestar naqueles. Esse é o caso dos textos sem embreantes, sem marcas de subjetividade – se é que isso é possível. Nesse plano de enunciação, os eventos/textos “falam” por si mesmo.

Se o enunciador é responsável pela produção do discurso, existe o co-enunciador, o qual responde pela recepção discursiva, ou seja, seria um correlativo àquele, uma vez que a enunciação determina uma co-enunciação, na qual dois indivíduos desempenham papéis ativos, e este se refere ao que

poderia denominar de “destinatário direto” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 156) do discurso. A eles, atribui-se um “lugar” enunciativo.

Sobre a subjetividade, Benveniste (1995) advoga que “[...] é a capacidade [...] [de] se propor como ‘sujeito’”. Também aponta as formas disponibilizadas pela língua para esse fim: o pronome “eu” – que é a própria consciência de si mesmo –; o pronome “tu” – que advém do contraste com o “eu” – (esses dois constituem a denominada “intersubjetividade”); as formas temporais; as indicadoras da dêixis e os verbos modalizadores conjugados na primeira pessoa.

Kerbrat-Orecchioni (1993) amplia esse inventário de marcadores de subjetividade ao acrescentar, aos já existentes, os modalizadores – formas indicadoras da atitude do sujeito falante frente a seu interlocutor, a si mesmo e a seu próprio enunciado, bem como uma classificação que divide os adjetivos em “objetivos” – aqueles que visam a apenas descrever – e “subjetivos” – formas indicadoras da subjetividade enunciativa. Esses últimos se subdividem em: “afetivos”, os quais são elementos que terminam por enunciar, simultaneamente, uma propriedade do objeto que determinam e uma reação emocional do sujeito falante frente a esse objeto; “avaliativos axiológicos”, que implicam uma dupla norma, relacionada ao objeto a que se aplicam e ao sistema de avaliação do enunciador, tendo o caráter valorativo mais destacado do que as características desse objeto; e “avaliativos não-axiológicos”, cujo emprego depende da ideia que o enunciador faz da norma de avaliação adequada àquela categoria de objetos. Ressalta-se ainda que, dos três tipos de adjetivos subjetivos descritos, este último é o que tem o menor caráter subjetivo.

Sabe-se também que toda enunciação pressupõe uma situação de enunciação, que se refere “[...] ao conjunto de condições que organizam a emissão de um ato de linguagem” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 50), ou seja, “[...] todo enunciado se realiza numa situação definida pelas coordenadas espaço-temporais: o sujeito refere o seu enunciado ao momento da enunciação, aos participantes na comunicação e ao lugar em que o enunciado se produz” (DUBOIS, 1999, p. 168). Sobre a embreagem, essa estaria exposta nas marcas linguísticas por meio das quais se manifesta a enunciação, visto que os enunciados têm como ponto de referência o próprio ato de enunciar, do qual são produto. Porém, só algumas de suas características são levadas em consideração, aquelas que são definidoras da

situação de enunciação linguística, a saber: enunciadores e co-enunciadores, o momento e o lugar da enunciação. Esses elementos formam a denominada embreagem textual à situação de enunciação, sendo apresentada comumente pelo “EU” e “TU” – embreagem de pessoa –, pelo “agora” – embreagem de tempo –, e pelo “aqui” – embreagem de espaço.

Sobre a questão do tempo, Benveniste apresenta a ideia de “tempo linguístico”, cuja singularidade reside em estar

[...] organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso [...] Cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do “presente” [...], ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona” (BENVENISTE, 1989, p. 75-76).

Pode-se dizer que todo discurso instaura um “agora”, que equivale ao momento da enunciação, o qual transcorre no tempo presente linguístico, em que existe uma “concomitância” entre o evento narrado e o momento da narração, e o momento em que acontece a “não-concomitância”, que se divide em “anterioridade” e “posterioridade” ao “agora”.

Fiorin (2002, p. 145) afirma ainda que a temporalidade instaurada pela língua refere-se também às relações de sucessividade entre estados e transformações representados no próprio texto. Com isso, como chama atenção esse mesmo teórico (p. 146), pode-se notar que existe na língua dois sistemas temporais: o enunciativo – “[...] relacionado diretamente ao momento da enunciação [...]” (ME), organizado em função do presente que já está implícito na enunciação – e o enuncivo – “ordenado em função de momentos de referência (MR) instalados no enunciado”. A esses dois sistemas se devem aplicar as categorias de “concomitância” vs “não-concomitância” (“anterioridade” ou “posterioridade”) do “agora”, obtendo-se três momentos de referência: o concomitante, o anterior e o posterior ao instante da enunciação (FIORIN, 2002, p. 145).

Sabe-se que, quando o momento de referência e o de enunciação são coincidentes, usa-se o sistema enunciativo. Mas, quando a produção e a recepção de um texto não acontecem simultaneamente (para os quais a produção acontece num MA e a recepção em outro), esse momento de referência tem de ser explicitado. Ele também será mostrado quando for anterior (tempo pretérito) ou posterior (tempo futuro) ao momento da enunciação o que ordena os dois sistemas temporais enuncivos. Além dos

momentos de enunciação e o de referência, tem-se ainda o do acontecimento (MA), o qual se refere aos estados e transformações e está ordenado em relação aos diferentes momentos de referência.

De posse desse conhecimento introdutório, deve-se dizer que o objetivo deste trabalho é observar se construção do *ethos* e da situação enunciativa terminam por auxiliar na elaboração do discurso persuasivo. Para alcançá-lo, escolheu-se, como produção textual/discursiva a ser analisada, uma entrevista de uma revista empresarial – a *Odebrecht Informa* (LOVATO FILHO, 2003, p. 35-37). De acordo com Rabaça e Barbosa (1987 p. 238), a entrevista é um tipo de matéria jornalística redigida sob a forma de pergunta e resposta, reproduzindo o diálogo mantido entre o repórter e o entrevistado. É utilizada quando é importante e necessário transmitir ao leitor/co-enunciador o encadeamento dessas perguntas e dessas respostas, uma vez que isso facilitará a construção do sentido que o jornalista quer imprimir àquela matéria, pois cada palavra do entrevistado, bem como as suas reações ante cada questão feita, virão no corpo dessa produção textual. Utiliza-se, para tanto, a transcrição simples numa espécie de “pingue-pongue”. Para que se concretize a sua elaboração, o entrevistado se dispõe a prestar informações que serão levadas ao conhecimento público ao serem publicadas, podendo essas versar sobre fatos ocorridos ou sobre ações desenvolvidas pelo entrevistado ou ainda sobre as opiniões e/ou ideias defendidas por esse. Esses teóricos da comunicação ainda afirmam que há cinco tipos principais de entrevistas, são eles: a noticiosa, a de opinião, a com personalidade, a de grupo e a coletiva.

No caso da revista empresarial, devido aos seus objetivos, são usadas comumente as entrevistas de opinião (as quais abordam e apresentam o ponto de vista do entrevistado sobre um ou vários assuntos) e as com personalidade, também denominada “de ilustração” (que têm como objetivo demonstrar aspectos biográficos e pessoais do entrevistado, apresentando suas ideias e opiniões, seu modo de falar, seu ambiente de trabalho ou o local em que vive, seus traços pessoais, gostos e planos, enfim, tudo que possa se tornar público acerca dessa personalidade). As entrevistas compõem as matérias do dito jornalismo opinativo, ou seja, têm como objetivo orientar, persuadir ou influenciar a conduta do leitor.

Feitas essas breves considerações introdutórias referentes à teoria que embasou a análise, passa-se a seguir à leitura do texto escolhido e, logo depois, à análise propriamente dita.

## 1 A entrevista estudada

Entrevista Sérgio Leão

### O educador itinerante

Cláudio Lovato Filho *texto* Carlos Júnior *fotos*

Sérgio Leão nasceu em Sete Lagoas (MG) e vive em Belo Horizonte. Mas é possível que o verbo “viver” contenha neste caso algum exagero. Responsável pelo Programa Integrado de Saúde, Segurança no Trabalho e Meio Ambiente na Área de Engenharia e construção da Odebrecht, Sérgio França Leão, engenheiro civil de 51 anos (11 deles dedicados à Organização), passa a maior parte de seu tempo nos canteiros de obras do Brasil e dos outros países onde a Odebrecht atua. Sérgio diz que o programa que lidera é itinerante. “É preciso estar presente nos empreendimentos. O apoio só se justifica com essa presença. É quando posso contribuir e aprender”. Ele salienta que os avanços da tecnologia da informação têm ajudado bastante. Diz isso, confere o número de vôo em sua passagem, despede-se e parte para alguma obra.

(Embaixo da Foto) Sérgio Leão: saúde, segurança e meio ambiente fazem parte do negócio e são oportunidades de diferenciação no mercado.

**Odebrecht Informa - Como aconteceu a integração dos programas de Saúde, Segurança no Trabalho e Meio Ambiente na Odebrecht?**

Sérgio Leão - Depois de me formar em Engenharia na Universidade Federal de Minas Gerais, em 1974, fiz pós-graduação em Meio Ambiente e Engenharia Sanitária na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. Em 1992, fui convidado a ingressar na Odebrecht para ser o responsável técnico em uma nova empresa, a Odebrecht Tecnologia Ambiental, voltada para o meio ambiente. A nova empresa foi constituída, mas, em certo momento, houve a opção por não prosseguir com o projeto. Em 1994, como integrante da Construtora Norberto Odebrecht, comecei a prestar apoio na área ambiental aos contratos no Brasil e no Exterior. Em 1999, agregamos o Programa de Segurança no Trabalho, que, dois anos antes, havia passado a ter os mesmos conceitos e a mesma prática em todos os canteiros da Odebrecht, ganhando unicidade. Em 2001, foi acrescentado o Programa de Saúde no Trabalho, por sua elevada sinergia com o Programa de Segurança no Trabalho. Essa integração resultou da busca por mais eficácia interna e também da percepção de que o mercado de engenharia e construção caminhava nessa direção, como indicavam as exigências de nossos clientes internacionais. O consenso hoje é que as empresas com essas áreas integradas se diferenciam pelos melhores resultados em saúde, segurança e meio ambiente.

**OI - Como essa integração de programas se dá no dia-a-dia do canteiro de obras?**

SL - A Odebrecht tem um grupo altamente qualificado de engenheiros, médicos e técnicos que atuam nessas áreas. São eles os líderes e principais indutoras desses programas. Os engenheiros de Segurança estão se capacitando também área de Meio Ambiente. As ações de Saúde são coordenadas pelos médicos do Trabalho. Nossa tarefa é fazer com que esses profissionais atuem de forma cada vez mais sinérgica. Por fim, temos um modelo que orienta a preparação dos programas específicos de cada obra.

**OI - Que tipo de resultado essa integração vem proporcionando à Odebrecht?**

SL - A integração dos programas nos deu um instrumento mais eficaz para mostrar aos empresários da Odebrecht que um tratamento adequado ao meio ambiente, assim como à segurança e à saúde no trabalho, agrega valor ao negócio, reduz os riscos, atende às exigências legais e satisfaz mais o cliente. Essas áreas são, hoje, instrumentos claros de viabilização dos nossos negócios. O foco do nosso programa integrado é na execução, na prática dos canteiros, onde podemos medir os resultados. Nossos indicadores refletem os ganhos com menos acidentes, melhores condições de saúde e adequada proteção ambiental. Demonstramos esses resultados com ganhos econômicos. Essa visão tem sido muito bem-recebida pelos clientes, a quem freqüentemente apoiamos antes mesmo de iniciarmos as obras.

**OI - Essa mudança na maneira de pensar dos empresários exigiu muitos esforços?**

SL - A transição ocorreu na década de 90. Até então, saúde, segurança e meio ambiente eram tratados isoladamente, às vezes vistos como assuntos problemáticos ou incômodos. Hoje, existe a consciência de que fazem parte do negócio. Na Odebrecht, os empresários são preparados para assumir a gestão plena de seu negócio. Eles sabem que o tratamento dedicado

- à saúde, à segurança e ao meio ambiente pode fazer a diferença entre o negócio ser bem-sucedido ou não. Fora isso, a legislação é dinâmica e vem se tornando cada vez mais restritiva, no Brasil e no mundo. Enfim, essa mudança de entendimento e postura é fruto de um somatório de elementos, entre os quais se destaca a conscientização. Mas é um processo em curso, pois as exigências legais e contratuais são cada vez mais rigorosas.
- 60 **OI - O que é a Câmara de Compensação de Segurança no Trabalho e qual a sua importância?**
- SL - A câmara de Compensação foi implantada em 1998 e dela participam todos os contratos da Odebrecht. Os contratos da Odebrecht que não atingem as metas de segurança no trabalho estabelecidas a cada ano pela Odebrecht têm parte de seu resultado financeiro deduzida e destinada a um bônus, que vai para aqueles contratos que superam as metas. Quanto melhores os resultados, maior é a bonificação do empreendimento. Foi uma idéia bem-recebida, em constante aperfeiçoamento, e que vem contribuindo para a obtenção de bons indicadores. Estamos agora iniciando prática similar com a Câmara de Saúde.
- 65 **70 OI - Por que as obras de usinas hidrelétricas se destacam no tratamento das ações de saúde, segurança e meio ambiente?**
- SL - As obras em hidrelétricas envolvem várias atividades de risco, como escavações, desmontes e trabalho em lugares altos, geralmente realizadas por um grande número de pessoas. As ações de segurança e saúde precisam ser eficazes diante dos riscos dessas situações, através da preparação adequada e do planejamento, com base na cultura da prevenção. Esses empreendimentos ocupam grandes áreas e alteram as relações das comunidades próximas com o ambiente em que as pessoas que as integram nasceram e vivem. Os clientes não querem que seus projetos resultem em passivos por deficiências nos programas de obras. Por isso, são cada vez mais criteriosos nas exigências e nas contratações.
- 75 **80 As hidrelétricas são imprescindíveis para o país, mas têm impactos complexos. A Odebrecht é a maior construtora internacional de hidrelétricas, o que nos impõe responsabilidades adicionais.**
- OI - As certificações vêm sendo cada vez mais valorizadas no mercado da engenharia e construção. Por quê?**
- 85 SL - As certificações são ativos capazes de gerar diferenciação no mercado e têm sido, em alguns casos, decisivas para a conquista de contratos. Há clientes, como a Petrobras, que exigem as certificações e oferecem bônus para as empresas certificadas em áreas específicas, com segurança e saúde. Em 1997, nas obras de ampliação da Copesul, a central de matérias-primas do Pólo Petroquímico de Triunfo (RS), conquistamos a ISSO 14000, a chamada “ISO do Meio Ambiente”. Essa certificação, inicialmente restrita a obras petroquímicas, foi ampliada mais recentemente para os segmentos de petróleo e usinas termelétricas. Foi um marco para a empresa. Em 2002, obtivemos a OHSAS 18001, certificação internacional para programas de Saúde e Segurança no Trabalho. Pela primeira vez, uma empresa de construção pesada conseguiu essa certificação no Brasil. Já temos participado de concorrências nas quais
- 90 **95 os clientes exigem a aplicação de programas conforme a norma OSHAS 18001.**

## 2. A análise

Pela enunciação da produção proposta, observou-se que o texto analisado “encarna” as propriedades associadas comumente aos gestores com preocupações em relação à formação de uma imagem positiva da empresa que administra junto ao seu público interno, ou seja, seus colaboradores internos, além de mostrar a eficiência e a eficácia dessa organização para esse auditório.

Com esse intuito, na entrevista da revista *Odebrecht Informa*, o *ethos* construído é de um profissional/gestor que se dedica, integralmente, à empresa



para qual trabalha, sendo também competente e especializado no desempenho de suas atividades. Esse mesmo *ethos* é estendido aos demais colaboradores internos da empresa, como atesta as linhas 35 e 36 do texto. A seguir, buscou-se apontar os traços linguísticos, as estratégias comunicativas e os argumentos utilizados para se obter essa construção. A análise começa com os dados linguísticos.

Quanto à apresentação dos interlocutores, a troca de papéis entre o enunciador e o enunciatário se estabelece como o preestabelecido para esse tipo de estrutura textual. Dessa forma, quando o entrevistador está de posse da palavra, formulando a pergunta, assume a fala do “EU”, dirigindo-se a um “TU” que, nesse instante, é o entrevistado e vice-versa. Observa-se, nesta matéria, que as perguntas versam sobre temas direcionados apenas às ações desenvolvidas na empresa, então, tanto o “EU” quanto o “TU” terminam por não aparecerem marcados explicitamente na fala do entrevistador. O leitor da entrevista termina por pressupor essas entidades discursivas pelo formato textual, conhecido previamente pelo senso-comum. Dessa maneira, o co-enunciador pactua ao preencher esses espaços que ficam implícitos. O entrevistado também não se dirige, nem utilizando um “TU” explícito nem um “você”, ao entrevistador. Aquele responderá as perguntas parecendo até que este não está à sua frente.

Quanto às marcas da presença do “EU”, o entrevistado constrói-as de formas díspares: ora aparece na própria primeira pessoa do singular (expressa ou com os pronomes indicadores de primeira pessoa do singular, ou ainda com terminações verbais referentes a essa pessoa), ora na primeira do plural (na forma dos pronomes indicadores de primeira pessoa do plural, ou ainda com terminações verbais dessa pessoa) (Quadro1).

Quadro 1 – OI – Entrevistas – Formas de explicitação do “EU”

FORMAS DO “EU”	LINHAS
Pronomes da 1ª pessoa do singular	me (18)
Terminações verbais da 1ª pessoa do singular	fiz (19); fui (20); comecei (24)
Pronomes da 1ª pessoa do plural	nosso e flexões (31, 38, 46 -dois registros, 47); nos (42, 82)
Terminações verbais da 1ª pessoa do plural	agregamos (25); temos (39, 95); podemos (47); demonstramos (49); apoiamos (50); iniciamos (50); estamos (70); conquistamos (90); obtivemos (94)

Vale ressaltar que essa presença do “EU” é minimamente marcada, ocorrendo poucos registros de cada uma dessas formas, salientando-se que as de primeira pessoa do singular são em menor número ainda. Isso pode ser justificado ao se analisar os papéis assumidos pelo entrevistado. Este, ao se expressar como “EU”, fala de uma formação discursiva da administração empresarial, exercendo alguns papéis como: o próprio Sérgio Leão, expondo as suas conquistas; o gestor da Odebrecht; e a própria empresa.

Observou-se também que esses papéis são apresentados, no texto, com formas linguísticas diferenciadas (Quadro 2). Do que foi encontrado neste tocante, pode-se dizer que as formas de primeira pessoa do plural se aplicam ao papel do administrador ou quando esse assume a voz da Odebrecht, representando, portanto, uma equipe, um corpo organizacional; já as de primeira pessoa do singular são usadas quando Leão fala de si mesmo. Salienta-se que há trechos em que existe uma confusão de papéis entre o Leão pessoa e o administrador, como se pode atestar nas linhas 25 e 27. Fica evidente, portanto, que, pela parca quantidade de marcas subjetivas indicadoras do “EU”, a intenção do locutor é apresentar a Odebrecht e não o profissional ou a pessoa Sérgio Leão, que funcionam apenas como pretexto do objetivo maior da matéria.

Quadro 2 – OI – Entrevistas – Papéis enunciativos

PAPEIS	FORMAS DO “EU”	LINHAS
Sérgio Leão	Pronomes da 1ª pessoa do singular	18
	Terminações verbais da 1ª pessoa do singular	19; 20
O gestor empresarial	Pronomes da 1ª pessoa do plural	38; 42; 46 (segundo registro)
	Terminações verbais da 1ª pessoa do plural	47; 49
A Odebrecht S.A.	Pronomes da 1ª pessoa do plural	31; 46 (primeiro registro); 47; 82
	Terminações verbais da 1ª pessoa do plural	39; 49; 50; 70; 90; 93

Quadro 3 – OI – Entrevistas – Semitempos – Sistema Enunciativo

Concomitância MR Presente		Linhas
Concomitância MA Presente		[é] viver (5); [é] contenha (5); [é] estar (10); [posso] aprender (11); [têm] ajudado (12); [estão] capacitando (37); [é] atuem (39); [apoiamos] iniciarmos (50); [sabem] dedicado (56); [vem] tornando (58); [atingem] estabelecidas (67); [têm] deduzida (67); [têm] destinada (67); [estamos] iniciando (70); [envolvem] realizadas (74); [querem] resultem (79); [vêm] valorizadas (84); [são] gerar (86)
Não-Concomitância	Anterioridade MA Pretérito	formar [fiz] (18); [fui] ser (21); [fui] voltada (22); [houve] prosseguir (23); [comecei] prestar (24); [havia] ter (26); [havia] ganhado (27); [deu] mostrar (42); pensar [exigiu] (52); [foi] bem-recebida (69)

SISTEMA ENUNCIVO (Não-concomitância)

Anterioridade MR Pretérito	Linhas
Concomitância MA Presente	[eram] tratados (50); [eram] vistos (54)

Nesta matéria, não existem embreantes de tempo propriamente dito. Sabe-se, porém, como foi dito antes, que os tempos verbais igualmente auxiliam neste tipo de embreagem. Sobre esses, optou-se por seguir a teoria de Fiorin (2002, p. 142- 171). Portanto, pode-se afirmar que, nesta produção jornalística, encontram-se tanto tempos relacionados ao sistema enunciativo (Quadros 3 e 4) quanto os que se referem ao sistema enuncivo (Quadros 3 e 4). Nota-se, porém, que há uma predominância dos primeiros, o que cria, para o co-enunciador, a impressão de que também faz parte do momento da enunciação. Fato também confirmado pelo uso dos semitempos neste mesmo sistema (Quadro 3). Os tempos do segundo sistema servem para ordenar os relatos em função dos momentos de referência instaurados no enunciado, o que facilita a narração dos acontecimentos que ocorreram no passado, auxiliando o leitor a se situar nos tempos instalados pela narratividade (Quadros 3 e 4).

Quadro 4 – OI – Entrevistas – Tempos Plenos – Sistema Enunciativo

CONCOMITÂNCIA MR PRESENTE		LINHAS
Concomitância MA Presente		vive (4); é (4, 9 -dois registros-, 10, 30, 45, 56, 57, 58, 60, 66, 79); passa (8); atua (9); lidera (9); diz (9, 12); justifica (10); posso contribuir (10-11); salienta (11); têm (11, 64, 79); confere (12); despede (12); parte (12); fazem (14); são (15, 35, 44, 59, 77, 78, 83); agregamos (25); diferenciam (31); dá (33); tem (34); atuam (35); estão (36); são coordenadas (36-37); é fazer (37); temos (38); orienta (38); vem proporcionando (40); agrega (43); reduz (43); atende (43); satisfaz (44); podemos medir (46); refletem (46); demonstramos (47); tem sido (48); apoiamos (49); existe (52); fazem (53); são preparados (53); sabem (54); pode fazer (55); vem (56); destaca (58); participam (62); atingem (63); superam (65); vem contribuindo (67); estamos (68); destacam (69); envolvem (71); precisam (73); vivem (74); ocupam (75); alteram (75); integram (76); querem (76); impõe (80); vêm sendo (81); têm sido (83); há (84); exigem (84, 93); oferecem (85); conquistamos (87); temos participado (92)
Não-Concomitância	Posterioridad e MA Futuro	vai (65)
	Anterioridade MA Pretérito	nasceu (4); aconteceu (16); fiz (19); fui convidado (20); foi construída (22); houve (22); comecei (24); havia passado (25); foi acrescentado (27); resultou (28); caminhava (29); indicavam (30); deu (41); exigiu (50); foi implantada (62); foi (66, 89); foi ampliada (88); nasceram (74); obtivemos (90); conseguiu (92)

SISTEMA ENUNCIVO (Não-concomitância)

Anterioridade MR Pretérito	Linhas
Concomitância MA Presente	ocorreu (51); eram tratados (51)

As respostas são dadas dentro de um tempo demarcado pela enunciação (Quadro 4), mas não a associa a um momento determinado, uma vez que o MR e o ME são coincidentes. Os acontecimentos passam no tempo presente, enquanto os do passado são delimitados a partir dos ocorridos no presente, com exceção dos dois tempos verbais encontrados nas linhas 53 e 54 que estão situados no sistema enuncivo (Quadro 4). Observou-se também que os resultados encontrados para os semitempos (Quadro 3) confirmam os obtidos para os tempos plenos, lembrando-se que, para apresentar essa

situação peculiar dos semitempos, no quadro 3, foi usado o seguinte procedimento: a forma plena entre colchetes e a linha citada é a do semitempo.

Quanto aos embreantes de lugar, da mesma maneira que os de tempos, são inexistentes. Os lugares mencionados, nessa produção textual, servem para situar territorialmente os enunciados. O momento da enunciação acontece no aeroporto, enquanto Sérgio Leão aguarda a chamada do seu voo. Sabe-se disso devido à afirmação existente no texto que precede a entrevista propriamente dita (l. 12 e 13): “Diz isso, confere o número de vôo [sic] em sua passagem, despede-se e parte para alguma obra”.

Acerca dos adjetivos, pelo próprio objetivo da matéria, notou-se que há um equilíbrio total entre dois tipos com cunho avaliativo, foram dezessete ocorrências tanto dos não-axiológicos como dos axiológicos. Dos descritivos, encontrou-se dezoito (Quadro 5). Comparando-se com o uso das locuções adjetivas, essa realização de caráter objetivo aumenta em números consideráveis (98,21% de uso). Mesmo porque, só se registram duas locuções com caráter subjetivo (Quadro 6). Donde se conclui que se tentou, o máximo possível, apagar a subjetividade do enunciador.

Quadro 5 – OI – Entrevistas – Classificação dos Adjetivos

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS	LINHAS
Objetivos / Descritivos	Integrado (5); civil (7); itinerante (9); Federal (18); ambiental (24, 48); Exterior (25); internacional e flexões (31, 82); sinérgica (39); legais (45, 61); integrado (45); econômicos (49); contratuais (61); financeiro (67); similar (70); hidrelétricas (71); adicionais (83)
Avaliativos não- axiológicos	técnico (21); antes (26); elevada (28); interna (29); integradas (32); altamente qualificados (35); específicos (40); claros (45); melhores (48); altos (74); grande e flexões (74, 77); eficazes (75); próximas (78); mais criteriosos (80); complexos (81); maior (82)
Avaliativos axiológicos	possível (4); dedicados (7); preciso (10); nova (21, 22); certo (22); melhores (32, 65); principais (36); adequado e flexões (43, 48); problemáticos (54); incômodos (54); plena (56); mais rigorosas (61); imprescindíveis (81)

Como toda entrevista, pressupõe-se aqui também uma encenação de uma conversa. No caso específico desta, a cena montada, intencionalmente ou não, para o momento da enunciação, termina por confirmar o *ethos* que está sendo construído, o de alguém que “passa a maior parte de seu tempo nos canteiros de obras do Brasil e dos outros países onde a Odebrecht atua” (l. 8-9); então, nada mais conveniente do que uma entrevista dada no aeroporto, de forma rápida e provavelmente informal, uma vez que o voo do entrevistado já estava prestes a sair. Isso está atestado nas linhas 12 e 13 do texto inicial escrito pelo jornalista entrevistador, Cláudio Lovato Filho. Segue novamente a citação desse enunciado: “Diz isso, confere o número de voo em sua passagem, despede-se e parte para alguma obra”. Com essa última e estratégica sentença, colocada de forma despretensiosa nessa introdução, confirma-se, logo no início, o *ethos* que pairará em todo o texto: o de um gestor que vive para a organização e incorporou toda a sua filosofia.

Quadro 6 – OI – Entrevistas – Classificação das Locuções Adjetivas

CLASSIFICAÇÃO DAS LOCUÇÕES ADJETIVAS	LINHAS
Objetivos / Descritivos	de Saúde (5-6); [de] Segurança no Trabalho e Meio Ambiente (6); de Engenharia e construção da Odebrecht (6-7); da Odebrecht (6-7, 27, 42, 62-63, 63); de obras do Brasil (8); da tecnologia da informação (11-12); de voo (12); do negócio (14); de diferenciação (15); de Minas Gerais (18-19); da Califórnia (20); da Construtora Norberto Odebrecht (23-24); de Saúde no Trabalho (25); de engenharia e construção (30); de nossos clientes (31); de programas (34); do canteiro de obras (34); de engenheiros, médicos e técnicos (35); desses programas (36); de Segurança (37); de Meio Ambiente (37); de Saúde (38); dos programas (40, 42); de cada obra (40); de viabilização dos nossos negócios (45-46); dos nossos negócios (44); do nosso programa integrado (46); dos canteiros (47); de saúde (48); dos empresários (52); de entendimento e postura (59); de elementos (60); de Compensação de Segurança no Trabalho (62); de Segurança no Trabalho (62, 63); no Trabalho (62); de Compensação (64); do empreendimento (68); de bons indicadores (69-70); de usinas hidrelétricas (71); das ações de saúde, segurança e meio ambiente (70-71); de saúde, segurança e meio ambiente (70-71); de riscos (73); de pessoas (74-75); de segurança e saúde (75); dessas situações (75-76); da preparação adequada e do planejamento (76); do planejamento (76); da prevenção (76-77); das comunidades

	próximas (77-78); de obras (80); de hidrelétricas (82); de contratos (82); da engenharia e construção (84-85); da Copersul (89); de matérias-primas do Polo Petroquímico de Triunfo (RS) (90); do Polo Petroquímico de Triunfo (RS) (90); do Meio Ambiente (91); de petróleo e usinas termelétricas (92-93); de Saúde e Segurança no Trabalho (89); de construção pesada (95); de programas (96)
Avaliativos não-axiológicos	de Segurança no Trabalho (25, 28)

Esta matéria ainda pode ser considerada como uma entrevista de personalidade, porém, no global, o discurso é montado sobre um grande argumento de competência que aponta para um engenheiro que ocupa uma das muitas posições de gestores existentes na Odebrecht S.A. Esse argumento supõe a existência de um indivíduo ou uma instituição com competência teórica para embasá-lo, seja esta científica, técnica ou moral. Portanto, essa “pessoa” terminará por legitimar o olhar sobre o real que dela derive. Difere de argumentos como o científico uma vez que explicita o “nome” do profissional ou da instituição que se responsabiliza pelo ponto de vista defendido. Porém, observa-se no texto em análise que ainda se podem destacar outros pequenos argumentos que terminam por embasar esse maior.

Nas linhas 35 a 40, tem-se um argumento causal que expõe que o sucesso da integração dos programas dá-se via competência do grupo que o gerencia, que também é outro argumento pela competência. Breton (1999, p. 127) afirma que esse argumento “[...] consiste em transformar a opinião que se quer sustentar em uma causa ou em um efeito de alguma coisa sobre a qual exista um acordo”, com isso “[...] ele permite criar um vínculo nos dois sentidos, seja porque o acordo prévio se apresenta como a causa da opinião que é sustentada, seja porque a opinião é ela mesma a causa de uma consequência [sic] sobre a qual um acordo prévio foi estabelecido” (1999, p. 128).

Um argumento de autoridade é presenciado nas linhas 41 a 51. Nessas, é o gestor Leão que está atestando as vantagens administrativas conseguidas com a integração dos programas de saúde, segurança e meio ambiente. Segundo Breton (1999, p. 76), esse argumento tem uma forma constante: “o real descrito é o real aceitável porque a pessoa que o descreve tem a autoridade para fazê-lo. Esta autoridade deve ser evidentemente aceita pelo auditório para que ele, por sua vez, aceite como verossímil o que lhe é proposto”.

O argumento de superação surge nas linhas 52 a 61, uma vez que os gestores têm que se superar para acompanhar as mudanças constantes no mercado organizacional. Esses argumentos “[...] insistem na possibilidade de ir sempre mais longe num certo sentido, sem que se entreveja um limite nessa direção, e isso com um crescimento contínuo de valor” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 7). Nele, o que importa não é se possuir um objetivo bem definido, mas sim considerar cada situação como um ponto de referência que servirá para se prosseguir numa direção de crescimento indefinidamente.

Há um outro argumento de autoridade nas linhas 64 a 70, quando Sérgio Leão apresenta a importância da Câmara de Compensação de Segurança no Trabalho para o andamento das atividades na Odebrecht S.A.

Ocorre um imbricamento do argumento de autoridade entre as linhas 73-83 – Leão apresenta o porquê do sucesso no tratamento das ações de saúde, segurança e meio ambiente nas obras das usinas hidrelétricas – com o de superação – a Odebrecht, por ser a maior construtora de usinas hidrelétricas e querendo permanecer nesta posição, cada vez mais impõe novas metas para as ações citadas, visando, com isso, a atender às exigências dos clientes que a contratam.

Por fim, observa-se também, na última resposta (l. 86-97), que existe a junção de dois argumentos estruturando esse texto, a saber: o de autoridade – quando o gestor entrevistado explica a dinâmica das certificações no mercado empresarial – e o de superação – ao expor um fato inédito até então: a certificação internacional obtida por uma empresa de construção pesada, e esta organização foi a Odebrecht S.A.

### Considerações finais

Após a análise empreendida, observou-se que, na produção textual escolhida, foi construído o *ethos* de uma empresa (instituição que está por trás do discurso apresentado na entrevista em questão) que encarna o perfil de sucesso da sociedade contemporânea: os seus colaboradores internos são estimulados a se superar, tendo suas ações valorizadas; ela está na vanguarda da administração (concorre a certificações; empreende planos que melhoram o ambiente de trabalho e a vida dos seus funcionários); está sempre atenta às mudanças que ocorrem em sua área de atuação; trabalha para o crescimento



dela e dos membros que a integram; bem como utiliza os discursos circulantes adequados ao seu tempo.

Portanto, o que foi observado é que o *ethos* da Odebrecht é o de uma organização voltada para as inovações administrativas, oriundas da teoria produzida para essa área ou da dinâmica inerente ao próprio mercado no qual essas instituições estão localizadas, tendo como principal foco de contratação recursos humanos que correspondem ao perfil do que se costuma denominar de “gestor” – profissional que administra equipes, cria novas oportunidades para o crescimento da empresa à qual pertence – e que tem como metas constantes a eficiência e a eficácia. Essa também é uma organização cujo traço predominante seria o senso de equipe, de corporação.

Criando-se essa imagem, pode-se afirmar que esse *ethos* que foi construído serve de forma preponderante para persuadir o co-enunciador do discurso, sendo elaborado a partir tanto das escolhas linguísticas quanto da dos argumentos.

Conclui-se igualmente que análises deste porte podem auxiliar os profissionais do Curso de Letras – uma vez que esses lidam com a produção e recepção de textos em geral –, como também os da área da Comunicação Social – já que conferem, aos que desempenham essa atividade, uma maior consciência do uso adequado de ferramentas que possibilitem uma persuasão às ideias apresentadas em suas produções textuais – e ainda os da Administração de Empresas – uma vez que pensaram nas suas ações como formadoras de *ethos* e de discursos persuasivos ou não.

Pode-se, então, afirmar que os textos da área empresarial são um rico material de estudo não só para os profissionais da CS como também para os de Letras. Saber como eles são elaborados e como devem ser lidos, principalmente, usando-se as pistas neles deixadas pelo enunciador, deve ser tarefa desses dois profissionais – um tendo consciência do que está produzindo e o outro tendo capacidade de ler este tipo de material – e essa é a pequena contribuição deixada por esta dissertação.

Por fim, alcançou-se o objetivo demarcado para esse trabalho que era o de observar se a construção do *ethos* e da situação enunciativa terminavam por auxiliar na elaboração do discurso persuasivo, chegando-se, portanto, à conclusão de que as entidades discursivas e retóricas são peças imprescindíveis para a persuasão.

ANDRADE, Marta Cardoso de; CASTRO, Hélder Uzêda. O discurso da Odebrecht construído via entrevista publicada em sua revista empresarial. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 7, p. 165-182, dez.2014.

---

## Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior et al. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, [V a.C.] 1998.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I.4**. ed. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas (SP): Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas (SP): Pontes, 1989. p. 75-76.

BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. 7. ed. Tradução de Frederico Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1999.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão Técnica e Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas (SP): Pontes, 1987.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **La enunciación**: de la subjetividade en el language. 2. ed. Tradução de Gladys Ânfora e Emma Gregores. Buenos Aires: Edicial, 1993.

LOVATO FILHO, Cláudio. Entrevista Sérgio Leão: o educador itinerante. **Odebrecht informa**. Rio de Janeiro, n. 109, jul/ago/set. 2003. Revista Empresarial. p. 35-37.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

MEYER, Michel; CARRILHO, Manuel Maria; TIMMERMANS, Benoit. **História da Retórica**. Lisboa: Temas e Debates, 2002.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Linguística 1**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.